

EPOPEIAS BÍBLICAS E MISÉRIAS HUMANAS NA AFRICA D'OS ANÕES E OS MENDIGOS, DE MANUEL DOS SANTOS LIMA

CRISTINA COSTA VIEIRA

Universidade da Beira Interior / CLP.

*Dedicado ao herói individual e colectivo, em particular
a Luty Beirão e a todos os migrantes que fazem na Europa de
hoje a sua travessia do deserto*

«Tout texte est un mosaïque de citations»¹: com esta assertiva, Julia Kristeva alargou os horizontes dos estudos literários nos finais dos anos 60 do século XX, abrindo as portas ao comparativismo, por fazer notar os elos criados entre textos de forma implícita ou explícita, cônica ou não. Uma obra literária pode ter referências múltiplas por detrás, e, em alguns casos, o autor pretende que o leitor estabeleça essas conexões com o(s) texto(s) que lhe servira(m) de *palimpsesto*, usando um termo genettiano². Tal é o caso d'*Os anões e os mendigos* (1984), terceira obra ficcional do escritor angolano Manuel dos Santos Lima³. A intertextualidade estabelecida entre este romance e a Bíblia, em particular o Antigo Testamento, é de tal monta que o Autor necessariamente intenta que o *lector* faça tais elos⁴.

Todavia, as similitudes visíveis entre o romance limaniano e as Escrituras jogam com diferenças, numa distorção pós-moderna dos passos bíblicos citados ou aludidos. A base metodológica deste ensaio será, pois, o comparativismo, tendo em conta, como aconselha

¹ KRISTEVA, 2000: 85.

² GENETTE, 1982.

³ As páginas doravante citadas relativas a esta obra seguem a edição de 2004 (Luanda: Chá de Caxinde).

⁴ ECO, 1993.

Helena Carvalhão Buescu, que os estudos comparativistas colocam o «problema da semelhança e da diferença, ou seja, do que ao mesmo tempo constitui o confronto relacional e dele resulta como objecto analítico. Ora esta questão coloca-se inevitavelmente num campo em que o estético se cruza e mesmo enreda com o cultural e com o sócio-político»⁵. Ou seja, a nossa bússola metodológica não passa apenas pela procura de similitudes entre os textos bíblicos e o romance limaniano em questão, numa análise puramente imanente dos textos cotejados, mas implica também a análise dos distanciamentos criados relativamente às Escrituras motivados pelo contexto sociopolítico da escrita d’*Os anões e os mendigos*, incluindo as intencionalidades autorais sub-reptícias que se vislumbram nos interstícios da obra de Manuel dos Santos Lima, dedutíveis do seu percurso vivencial, antes da independência de Angola, enquanto «Membro activo da Casa dos Estudantes do Império. Desertor do Exército Português e fundador do Exército Popular de Libertação de Angola (braço armado do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA) e seu 1.º Comandante em Chefe»⁶. O contexto sociopolítico da escrita deste romance terá de ter igualmente em conta o desencanto do Autor face aos rumos tomados pelo país após a independência de Angola e, a um nível mais global, a revolta pela situação de miséria em que vivem os povos africanos passados tantos anos após as respetivas descolonizações, mormente a portuguesa.

Ressumam dois tipos de intertextualidades bíblicas n’*Os anões e os mendigos*: citações veterotestamentárias, remetidas para epígrafes de três capítulos do romance, e que antecipam simbolicamente o texto romanesco, remetendo para a realidade africana colonial e da descolonização novecentista; e a designação onomástica das personagens, com enfoque na escolha dos nomes próprios, todos eles, sem exceção, retirados das Escrituras, sobretudo do Antigo Testamento e, em plano secundário, dos Evangelhos.

Começemos pela primeira relação intertextual, a da citação. Genette considera-a, por suma lógica, o processo mais explícito de fazer entrar um texto noutra texto, sendo os outros, por «ordem decrescente de literalidade e de explicitude, (...) o plágio e a alusão»⁷. Ora, dos oito capítulos em que *Os anões e os mendigos* está dividido, três são encimados por epígrafes retiradas do Antigo Testamento, aparecendo claramente identificadas pelo Autor enquanto tal. Assim, o *incipit* é encabeçado, com todo o destaque a isso inerente, pela seguinte citação:

Levantai-vos, vamos a eles, porque nós vimos que é um país muito rico e fértil; não sejais descuidados, não vos detenhais; vamos e ocupemo-lo, não vos custará trabalho algum. Entraremos num povo que vive em segurança num país muito espaçoso, e o Senhor nos dará um lugar onde não falta nada daquelas coisas que são produzidas na terra»⁸.

⁵ BUESCU, 2001: 86.

⁶ LIMA, 2004: contracapa.

⁷ VIEIRA, 2008: 508; cf. ainda GENETTE, 1982: 8-12.

⁸ LIMA, 2004: 9.

O Autor indica na linha imediatamente abaixo, entre parênteses curvos, tratar-se do versículo 9, capítulo 18, do *Livro dos Juízes*. A identificação rigorosa do passo veterotestamentário citado segue os mesmos moldes nos capítulos III e VI, respectivamente intitulados «Os Mendigos dos sapatos de oiro» e «A Conjura», encimados por estas citações:

Cada um cinja a sua espada ao seu lado; passai e tornai a passar de porta em porta através dos acampamentos, e cada qual mate o seu irmão e o seu amigo e o seu vizinho. E os filhos de Levi fizeram o que Moisés tinha ordenado, e cerca de vinte e três mil homens caíam naquele dia. E Moisés disse-lhes: consagrai hoje as vossas mãos ao Senhor, cada um em seu filho e em seu irmão, para vos ser dada a bênção⁹.

O que ferir qualquer dos seus compatriotas, assim como fez assim se lhe fará a ele; quebra-dura por quebra-dura, olho por olho, dente por dente¹⁰.

Vejam os contextos bíblicos de cada um destes três passos e o uso que dele faz Manuel dos Santos Lima. Canaã é a terra prometida por Deus ao seu povo eleito, os hebreus, depois do longo jugo imposto pelo Egito, e de onde são libertados por Moisés, como relata o Êxodo. A fertilidade de Canaã é hiperbolicamente enfatizada: trata-se de uma terra onde «mana leite e mel», mesmo que seja «o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus»¹¹. A dificuldade desta conquista, e não, pois, de uma migração pacífica, começa na longa travessia de quarenta anos pelo deserto do Sinai, onde os hebreus se iriam confrontar com outros povos. As primeiras lutas, em pleno deserto, são protagonizadas pelo próprio líder do seu povo. De facto, embora o imago-tipo de Moisés corresponda ao de libertador dos escravizados hebreus depois das fantásticas dez pragas do Egito e de grande moralizador do seu povo pela escrita inspirada do decálogo, Moisés era também um estratega e um guerreiro muito experiente, pois fora criado enquanto príncipe egípcio. O *incipit* do *Deuteronomio*, último livro do Pentateuco, resume tais pugnâncias:

No quadragésimo ano, no primeiro dia do décimo primeiro mês, Moisés falou aos filhos de Israel conforme tudo o que Iahweh lhe ordenara a respeito deles. Após ter vencido Seon, rei dos amorreus, que habitava em Hesebon, e a Og, rei de Basã, que habitava em Astarot e Edrai, no outro lado, do Jordão, na terra de Moab, Moisés começou a inculcar esta Lei, dizendo: (...) Voltai-vos e parti! Ide à montanha dos amorreus, e a todos os que habitam na Arabá, na montanha, na planície, no Negueb, no litoral; à terra dos cananeus e ao Líbano, até ao grande rio, o Eufrates. Eis a terra que vos dei! Entrai para possuir a terra que Iahweh, sob juramento, prometera dar a vossos pais¹².

⁹ LIMA, 2004: 95.

¹⁰ LIMA, 2004: 151.

¹¹ Êxodo, 3, 8.

¹² Deuteronomio, 1, 2.

Antes de morrer, Moisés delega em Josué a continuação da conquista da terra de Canã, que prossegue após a morte deste, como relata o *Livro dos Juízes*. O capítulo 18, em particular, aborda a conquista de Lais, uma terra «excelente», «extensa», habitada por um povo pacífico e afastado de outras cidades que a pudessem socorrer em caso de ataque. Essa conquista é protagonizada pelo clã israelita de Dã, que vagueara por terras áridas e vê nessa região o espaço ideal para finalmente se acomodar. O passo citado em epígrafe corresponde à arenga motivadora para a peleja.

Ora, o *incipit* da narrativa de Manuel dos Santos Lima também relata uma longa caminhada por «terras gastas» pela seca, protagonizada epopeicamente, tal como no Êxodo, por um «povo em debandada» debaixo de um «sol inflamado, ressoando como uma bandeja de cobre» em direção a «uma via em sentido único», uma «fronteira situada entre o suspiro de ter chegado e a inquietação do desconhecido»¹³. A passagem dessa linha fronteiriça assemelha-se à entrada na terra prometida: a marcha lenta e interminável descrita no romance de Manuel dos Santos Lima, psicologicamente tão interminável como podem ter parecido os quarenta anos suportados pelos hebreus no deserto do Sinai bíblico, conduz estes mortos-vivos a uma terra descrita de forma tão valorativa que parece irreal, tal como a Canã de onde escorreria leite e mel, mas que na realidade, ainda que fértil, tinha povos que já a habitavam, implicando, pois, a sua ocupação prévias lutas armadas. Descreve o narrador a terra para onde vai o caminho, usando a focalização interna destes migrantes africanos:

*(...) terra boa donde nunca se parte. Os homens e as mulheres e as crianças são gordos e felizes. É um paraíso de verdura, cheio de comida e água fresca. O fogo nunca se apaga e os tachos fume-gam durante todo o dia. Lá longe, muito longe...*¹⁴

Porém, os caminhantes começam a perceber que só uma luta organizada poderá levá-los até à verdadeira prosperidade. E é assim que Josué jura «lutar até à morte pela independência nacional da Costa da Prata», «de armas na mão», à volta do líder carismático Davi Demba: «Baixava-se a voz quando se falava dele e era ainda em nome de Davi que os iniciados à subversão pregavam como novo evangelho a doutrina nacionalista e anunciavam o novo dia que ia chegar após a longa noite colonial»¹⁵. Percebemos então que o narrador, neste capítulo I, aproveita o paralelo inicial entre a travessia bíblica do deserto do Sinai e a deste deserto tórrido e implacável, que também vai desaguar numa luta armada pela libertação, para se afastar depois em direção às realidades dos dramas atuais dos refugiados africanos que fogem dos seus países para campos de refugiados em países vizinhos e da luta feita em clave marxista pela descolonização, como sugere a dicotomia «novo dia»/«longa

¹³ LIMA, 2004: 10-11.

¹⁴ LIMA, 2004: 13.

¹⁵ LIMA, 2004: 15-16.

noite colonial», tendo em conta a promessa dos «amanhãs que cantam» para os povos oprimidos. Neste caso, os «amanhãs que cantam» correspondem à terra de abundância, seja ela a do país para que se emigra, seja ela a terra tornada independente e próspera. A Costa da Prata, de onde fogem velhos, jovens e crianças, homens e mulheres, e a Costa do Cobalto, onde os que conseguem chegar são mal acolhidos, na condição de refugiados, designam metaforicamente Angola e a República Democrática do Congo (antigo Zaire), esta, o maior produtor mundial de cobalto e um dos países que faz fronteira com Angola. Sucede que muitos angolanos fugiram durante a Guerra do Ultramar para o Zaire¹⁶, de onde depois regressaram após a independência de Angola. Não restam dúvidas quanto ao referente por detrás do designativo «Costa do Cobalto» quando se nomeia o seu Presidente, o déspota Recab Sissoko, auto-intitulado «Regenerador da Pátria»¹⁷ no texto limaniano: o apelido *Sissoko* remete, por paronímia, para o apelido de Mobutu Sese Seko, presidente do Zaire, que liderou o seu país com mão ditatorial de 1965 a 1997, usando como símbolos de poder e imagem de marca um barrete de pele de leopardo e uma bengala. E a penúria dos cobaltenses corresponde àquela em que vivia o povo zairense. Mas abordaremos mais adiante, em pormenor, as várias formas que assume a miséria africana denunciada por Manuel dos Santos Lima nesta obra.

O segundo passo bíblico citado em epígrafe no capítulo III do romance limaniano é identificado como sendo o versículo 27 do capítulo 32 do Êxodo. Se o belicismo da proposição exortativa «vamos a eles» parece atenuado pela promessa de uma vida mais bem conseguida por uma fácil conquista, na epígrafe anterior, mas que um olhar atento permite ver tratar-se da arenga ao ataque de uma cidade rica e pacífica, já o belicismo explícito e disfemístico desta passagem do Êxodo pode colher de surpresa quem tem o imagotipo do Moisés-profeta, pela enorme violência e aparente irracionalidade inerente à ordem moisaica. De facto, parece paradoxal que Moisés incite os levitas a atingir, não o inimigo, mas membros da própria família: «e cada qual mate o seu irmão e o seu amigo e o seu vizinho.» Os levitas não hesitam, segundo a Bíblia, em acatar tal ordem, resultando numa matança de «vinte e três mil homens». O insólito deste ato condiz com a imagem surrealizante inerente ao título do capítulo III, «Os mendigos dos sapatos de ouro». Não há qualquer adulteração feita por Manuel dos Santos Lima ao trecho bíblico em causa: o passo sucede à adoração do bezerro de ouro, enquanto Moisés se demorava no monte Sinai a escrever o decálogo, e a purga feita corresponde ao castigo dos que praticaram a idolatria. Os levitas provam o seu zelo com este ato de suprema obediência ao líder Moisés e, simbolicamente, a sua devoção total a Deus, tal como fizera Abraão quando recebe a ordem de sacrificar Isac.

¹⁶ Cf. ENDERS, 1997: 122: «O MPLA esforça-se por melhorar as suas relações com os países ocidentais, pois o auxílio militar soviético é mais eficaz do que a sua cooperação civil. § Angola vê, também, regressarem ao país alguns 300 000 emigrantes do Zaire. Os *regressados* ou “Zairenses” são, de maneira geral, pessoas qualificadas e ocupam rapidamente posições eminentes na vida económica e na nomenclatura do MPLA.»

¹⁷ LIMA, 2004: 60.

O primeiro elo entre a narrativa de Manuel dos Santos Lima e o trecho bíblico é visível logo no título do capítulo, «Os mendigos dos sapatos de ouro», pois o material de que são feitos os sapatos remete para o metal com que é fundido, segundo o relato do Êxodo, o ídolo em forma de bezerro. O segundo elo entre a epopeia bíblica do Êxodo e o romance limaniano é o êxito da libertação do povo oprimido – israelita/angolano – do jugo do opressor – egípcio/português –, como prova a ação inicial deste capítulo, remetido cronotopicamente para o dia da ocupação do Palácio das Acácias, designação por que é conhecido o Palácio Presidencial de Angola, então habitado pela personagem Herodes Silva. E o terceiro e definitivo elo, que mostra a expansão romanesca do passo veterotestamentário citado em epígrafe no romance, aparece quase a terminar este capítulo, quando, à semelhança de Moisés, o líder carismático dos costa-pratenses e protagonista da obra limaniana, Davi Demba, exige sacrifícios de familiares por parte dos seus seguidores numa demonstração de suma lealdade:

O chefe das cerimónias veio lembrar a Davi que era preciso distribuir os cargos, os títulos e as honras da corte, para o ensaio geral. Antes, porém, este quis pôr à prova os seus catecúmenos. Ordenou-lhes sacrifícios. E, mascarados, cada um procurou um parente ou um amigo para o imolar diante do camarada Presidente, em nome do ideal revolucionário¹⁸.

Manuel dos Santos Lima vai mais longe, porém, na crítica aos desvarios acontecidos logo a seguir à independência de Angola, afastando-se, deste modo, ainda que de forma parcial, do intertexto bíblico:

Davi, todavia, exigiu algo mais. Então cada um correu a munir-se de uma arma de ocasião e desataram a matar-se como gladiadores. E Davi aplaudiu os vencedores, reconhecendo-lhes o mérito de terem a alma tão vermelha quanto o sangue que lhes tingia as mãos pretas. Que dançassem agora, incitou o Presidente e camarada, pondo-se ele próprio a bambolear-se enquanto lia longas citações marxistas que os neófitos repetiam como uma oração. Fazendo roda e imitando os gestos do orientador do Partido, batiam palmas como ébrios, sonâmbulos ou enfeitados numa dança ritual (...). Quando os viram esgotados e suarentos, (...) os teólogos e doutores do credo enviaram-lhes virgens nuas que os deviam lavar com água benta e preparar as suas libações orgíacas. Davi indignou-se. Tinha escrúpulos em aceitar o deboche. Passou-lhes uma boa lição de moral¹⁹.

De facto, o início desta passagem parece remeter sub-repticiamente para o fracionismo, que depois se torna mais explícito no desenvolvimento da ação no capítulo VI, precisamente intitulado «A conjura», e pelo posterior esmagamento sangrento dessa conspira-

¹⁸ LIMA, 2004: 106.

¹⁹ LIMA, 2004: 106.

ção por ordem de Davi Demba, o libertador da Costa da Prata e que se torna na sequência o seu primeiro «Presidente camarada» e paulatinamente se vai transformando em mais um ditador africano. É que parece haver uma colagem subtil de Davi Demba a Agostinho Neto, na sua luta pela *sagrada esperança* da libertação do povo angolano do jugo colonial português. Tal como Agostinho Neto, Davi usa «óculos claros» e pertence «à etnia mais numerosa da Costa da Prata»²⁰, isto é, os quimbundos; fora preso político na Nautilândia (leia-se, Portugal); torna-se o primeiro Presidente desse país, tomando de dia o Palácio das Acácias; enfrenta e esmaga sangrentamente uma conjura (Nito Alves na História de Angola; Samuel Anga na ficção limaniana) enquanto Presidente camarada; e a ambos são associadas a linguagem marxista e a doença do cancro, a qual vitimou Agostinho Neto. Ora, o termo *fracionismo* designa uma página negra da História de Angola, remontando a 1977, com o assassinato de dirigentes do MPLA como Nito Alves, então Ministro da Administração Interna, sob a acusação de este liderar um atentado à vida de Agostinho Neto, o que levou a perseguições durante dois anos, com execuções sumárias ordenadas pela famosa comissão das lágrimas, expressão popular por que era conhecido o Tribunal Militar Especial que julgava os «golpistas», um assunto já antes explorado a nível literário por Pepetela na peça *A revolta da casa dos ídolos* (1979), e denunciado por «Felícia Cabrita, num artigo no semanário *Expresso* (Lisboa, 25 de Janeiro de 1992)»²¹.

Por outro lado, as danças de roda referidas no trecho supra citado d'*Os anões e os mendigos* não são apenas características de povos africanos, estendendo-se ainda a muitos povos mediterrânicos, incluindo o semita. E o final da passagem, em que Davi Demba adota uma atitude moralista perante o iminente deboche dos seus correligionários, coloca de novo em paralelo o protagonista limaniano e o herói individual do Êxodo, Moisés.

Já a terceira epígrafe citada refere a bem conhecida Lei de Talião, não se esquecendo, uma vez mais, Manuel dos Santos Lima de localizar com todo o rigor o passo: trata-se do *Levítico*, capítulo 24, versículo 19. Ora, o *Levítico* tem, segundo a *Bíblia de Jerusalém*, «carácter quase exclusivamente legislativo», e pertence ao conjunto dos cinco primeiros livros bíblicos conhecido por Pentateuco, cuja «composição (...) era atribuída a Moisés pelo menos desde o começo da nossa era»²². Mas fazendo um elo entre o conteúdo emanado das epígrafes retiradas dos dois livros do Pentateuco e utilizadas por Manuel dos Santos Lima, o Êxodo e o *Levítico*, há uma contradição entre tais palavras: se o *Levítico* pune qualquer ato de violência fazendo uso de similar violência, então os levitas ou o próprio Moisés deveriam ser castigados em conformidade pela matança ordenada e executada, ou seja, estes seriam condenados à morte. Assim, os trechos bíblicos em epígrafe mostram o mesmo

²⁰ LIMA, 2004: 19.

²¹ LARANJEIRA, 1995: 145-146. Este facto histórico já foi integrado por Felícia Cabrita no ensaio *Massacres em África*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008. Cf. ENDERS, 1997: 122-3, onde é referida a tentativa de golpe de estado de Nito Alves e a sua repressão, e S/ Autor, *Fracionismo*.

²² VAUX, R. de, 1989 – «Introdução ao Pentateuco». In *Bíblia de Jerusalém*, p. 22.

homem, Moisés, a apelar ao homicídio e, em contradição simultânea, a legislar contra o mesmo. Mais estranho é se se considerar um dos mandamentos escritos no decálogo, «Não matarás» (Êxodo, 20, 13). Como já foi dito, esta lei de Talião encima o capítulo VI, intitulado «A conjura», que ficciona uma tentativa falhada de golpe de estado, tendo os conjurados ido «ao palácio das Acácias reclamar a demissão do Presidente», ou seja, de Davi Demba. O esmagamento da conjura é brutal:

A polícia, os militares e as respectivas secretárias e amantes e mais os amigos e familiares revolviavam os quintais dos suspeitos, em busca de documentos comprometedores. Cavavam, interrogavam, prendiam, torturavam e matavam. Todos os meios e critérios serviam para designação dos bodes expiatórios. À noite os costa-pratenses viram na televisão um juiz amarfanhado, lento e frio, na sua sede de vingança. «Este é um povo de cerviz dura. Contra os conspiradores não haverá processo nem qualquer espécie de contemplação.» (...) Davi Demba envelhecera subitamente, pensaram as gentes²³.

A palavra «fraccionismo» é explicitamente usada, aliás, no último capítulo do romance, p. 171, pela voz da personagem Samuel Anga, «um dos melhores amigos do Presidente, talvez o mais velho de entre todos»²⁴, condenado à morte por Davi Demba: «— Amanhã virás buscar-me para eu ser julgado por alta traição... fraccionismo... burguesismo ou qualquer outra coisa de género, não é? — O outro acenou de cabeça baixa». Como indica João Paulo Guerra em mais um testemunho deste evento, *Descolonização Portuguesa: o regresso das caravelas*, «A linha afecta a Agostinho Neto mantém o poder, com o apoio dos cubanos, e desencadeia grande repressão contra os nitistas»²⁵.

Fio isotópico saliente nos três excertos veterotestamentários é a violência exercida sobre outrem, seja esta para conquistar a Terra Prometida, para punir a transgressão de um preceito legislativo ou para vingar um mal praticado. A relação da violência relatada no Antigo Testamento com o texto de Manuel dos Santos Lima não poderia ser mais umbilical, porquanto a violência, nas suas mais diversas cambiantes, é denunciada numa África (incluindo Angola) vítima da espoliação de potências ocidentais, durante e após o colonialismo, e de ditadores africanos em conúbio ignóbil com aquelas, das quais na realidade não passam de mendigos, ainda que com proveitos próprios, e para desgraça dos seus povos, metaforizados como anões. Para que não restem dúvidas quanto à identidade dos seres evocados no título do romance, o Autor tem a preocupação de desenvolver com clareza a metáfora numa passagem do capítulo I:

e arrepiam-me pensar que os miúdos costa-pratenses, por exemplo, aprendam o ódio na idade em que os nossos se nutrem de amor e de proteínas. Os africanos são anões sociais e os seus Chefes

²³ LIMA, 2004: 152-153.

²⁴ LIMA, 2004: 152-153.

²⁵ GUERRA, 2009: 232.

*de Estado são os mendigos de Washington, Moscovo, Londres, Paris, Bruxelas, etc. sem contar com as multinacionais que, frequentemente, são mais ricas do que o próprio país onde estão implantadas*²⁶.

Assim, as contradições em que incorrem os líderes africanos, angolanos inclusive, ou seja, o abismo entre as promessas antes e durante o seu estabelecimento no poder, por um lado, e as arbitrariedades cometidas contra o seu povo, por outro, são exploradas por Manuel dos Santos Lima na narrativa num paralelo com as contradições da figura de Moisés visíveis nestas três passagens bíblicas. Porquê a exclusividade de epígrafes do Antigo Testamento quando se citam as Escrituras? Porventura porque Cristo veio trazer uma mensagem de amor e perdão das ofensas a que a Lei de Talião se opõe. É, pois, mais operativo para Manuel dos Santos Lima, querendo este fazer do seu romance uma diatribe metafórica às diversas formas de violência cometidas contra os povos africanos, e o seu, o angolano, em particular, citar textos veterotestamentários em que essa violência está patente. O Autor parece preparar o leitor para a inevitabilidade desse comportamento no ser humano: se nem Moisés, o homem que libertou todo um povo do jugo de um outro, mais poderoso, a ela conseguiu escapar...

A segunda presença explícita do palimpsesto das Escrituras, sobretudo do texto veterotestamentário, no romance *Os anões e os mendigos*, é a designação onomástica das personagens, cuja base motivacional é o percurso ou as características psicológicas das personagens bíblicas. De facto, sem exceção, a narrativa limaniana apresenta personagens, sejam estas masculinas ou femininas, principais, secundárias ou figurantes, cujos nomes próprios são retirados, regra geral, do Antigo Testamento, e, em proporção menor, do Novo Testamento, mais especificamente, dos Evangelhos. A escolha é motivada, pois funciona como uma confirmação da caracterização psicológica e do percurso existencial das personagens, mas tendo «raízes extra-textuais, ligadas ao contexto pessoal e histórico-cultural do autor»²⁷. O apelido, esse, africaniza a personagem, como acontece no já referido Recab Sissoko, Presidente da Costa do Cobalto, ou em Davi Demba, o protagonista, que se torna Presidente da Costa da Prata. Em casos raros, o apelido lusitaniza a personagem, como é o caso do ocupante colonial do palácio das Acácias deposto por aquele, Herodes Silva. Ilustremos este ponto.

Herodes não passava de um títere nas mãos dos Romanos enquanto governante da Judeia ao tempo de Cristo, e era um tirano do seu povo, sendo que *Silva* é um dos apelidos mais vulgarizados entre os Portugueses, a ponto de poder representar simbolicamente o povo luso. *Herodes Silva* é, assim, um excelente antropónimo para designar o ocupante português das terras angolanas. Os portugueses são metaforicamente designados pelo gentílico

²⁶ LIMA, 2004: 20.

²⁷ VIEIRA, 2008: 111.

«nautilandeses», como se subentende na frase «Os nautilandeses fizeram-nos pagar meio milhão de mortos pela independência»²⁸.

Veja-se agora a designação onomástica do protagonista, Davi Demba. Davi, numa trajetória de ascensão política, tornar-se-á o Presidente da República da Costa da Prata e tem entre os seus companheiros de luta Urias Njoya, comandante sacrificado «numa emboscada nautilandesa»²⁹. Por outro lado, *Demba* parece derivar do vocábulo «dembo», que significa num dialeto quimbundo, segundo Óscar Ribas, quer algo relativo a um grupo étnico dos Quimbundos situados ao norte do rio Cuanza, mas também a «Autoridade suprema tradicional, da região dos Dembos», ou seja, um «Régulo», com jurisdição sobre outros sobas ou chefes tradicionais³⁰. O apelido da personagem acentua a sua trajetória de poder já prenunciada no nome próprio, uma vez que *Davi* não pode deixar de ser associada ao rei David, que, como narra o *Livro de Samuel*, era pastor e se torna rei de Israel depois de derrotar o gigante Golias e de afastar Saul do poder, o qual caíra em desgraça perante Deus. O David bíblico ascende, pois, ao poder, depois de um percurso militar, tal como Davi Demba. E David é um dos mais importantes reis de Israel ao ter sido o unificador dos reinos de Israel e de Judá, donde o uso do seu nome na famosa expressão «estrela de David» que está presente na bandeira de Israel. O elo entre o David bíblico e Davi Demba é reforçado pela similitude de relações estabelecidas com personagens detendo designações e ações iguais nos dois textos. Assim, por exemplo, o general que o David bíblico envia para a frente de batalha, na esperança de que este morra para assim se poder casar com a mulher dele, que se mostrara inexpugnável ao seu assédio, chama-se Urias. Também Davi Demba sacrifica o general Urias Njoya numa emboscada, omitindo o texto limaniano, num afastamento em relação ao *Livro de Samuel*, as razões subjacentes a tal envio: fins políticos ou amorosos? Corresponde ao desejo de eliminar um rival ao poder? O narrador mostra-se ambíguo, nisto relevando a pós-modernidade do romance *Os anões e os mendigos*. De qualquer modo, a personagem Saraias Djilale pensa, desiludido, no comportamento do presidente Davi Demba que, de salvador da pátria, se transforma paulatinamente num ditador sanguinário: «Depois veio-lhe outra vez a ideia de que Davi sacrificara Dina e Urias voluntariamente»³¹. Aliás, os intrincados e nada transparentes jogos de poder estão bem espelhados nestas traições de Davi Demba, já que o sacrifício do compatriota Urias é feito numa emboscada de nautilandeses, isto é, de portugueses, ou seja, o inimigo referencial do Ultramar, como aconteceu, de facto, assim testemunham vários entrevistados por João Paulo Guerra em *Descolonização Portuguesa*, numa estratégia alimentada por Portugal e pelas potências mundiais dos Estados Unidos e da União Soviética de dividir para reinar. Por sua vez, Dina corresponde, no *Génesis*, à filha de Jacob violada quando vai visitar a cidade de

²⁸ LIMA, 2004: 171.

²⁹ LIMA, 2004: 81.

³⁰ RIBAS, 1997: 76.

³¹ LIMA, 2004: 82.

Siquém. E no romance, esta personagem secundária é igualmente vítima de estupro. Mas contrariamente ao texto genesíaco, em Manuel dos Santos Lima, Dina é morta, simbolizando desta forma a brutalidade extrema a que são sujeitas muitas mulheres africanas, não apenas durante a colonização, durante a luta armada pela independência de Angola e de outras nações africanas, mas ainda na África hodierna. Dina simboliza a «coisificação» do género feminino, particularmente vulnerável numa terra onde os direitos humanos eram e são diariamente desrespeitados³².

Mas muitas outras personagens poderiam aqui ser referidas em condições semelhantes, isto é, cuja designação onomástica é motivada pela sua simbologia bíblica, como «tia Sara» ou Josué. A primeira aparece logo no primeiro capítulo como a «nacionalista convicta», guardiã de «remédios para todos os males» e capaz de espalhar um fundamental «espírito de solidariedade e de união», conquistando assim o respeito de todos os costapratenses³³. A honorabilidade da anciã remete de imediato para a Sara bíblica, mulher de Abraão, uma das mulheres mais respeitadas no judaísmo, como mãe de Isac e avó de Jacó. É uma das matriarcas da nação israelita, figura epopaica na génese de um povo, de uma nação, tal como faz a figura tutelar da Sara limaniana. E, no final da narrativa, também ela se veste de luto quando se revela perante o povo a faceta mais cruel de Davi Demba: chora a nação angolana. Já Josué é o braço direito de Moisés na Bíblia, como seu general, como seu sucessor na conquista da terra de Canaã, logo após a morte daquele. Donde a motivação da escolha do nome de Josué para o secretário de confiança de Davi Demba. Todavia, ao contrário do texto veterotestamentário, Josué não se mostra o companheiro fiel de um Moisés venerável até ao final dos dias deste e dos seus, não suportando a tirania do Presidente camarada, que mata à traição, qual Judas pós-moderno:

– Não há ideologias sem Cristo, nem Cristo sem Judas e sem Pôncio Pilatos!
(...)

Nesse momento o Presidente sentiu nas costas um peso que o abateu sobre as estatuetas despertando-lhe zumbidos na cabeça, ao mesmo tempo que uma lâmina fria lhe dilacerava as carnes (...), Josué manteve a pressão do punhal mesmo quando toda a resistência cessara, gozando a intimidade repousante da sua posição (...).

– Oh liberdade, que sabor a sangue e eternidade! A cabeça de Davi Demba recortava-se num mar vermelho coagulado. – Eu gostei tanto de ti! Por que me traíste, Davi, tu que foste o Profeta e o Cristo da minha juventude! (...) «Sic transit gloria mundi!» (...) «Fabula est. Plaudite ciues!»³⁴

A associação entre Davi Demba e Moisés é uma vez mais estabelecida, graças a expressões como «mar vermelho» e «Profeta». Todavia, num distanciamento limaniano feito em

³² Cf. PINTO, 2007: 35-49.

³³ LIMA, 2004: 15.

³⁴ LIMA, 2004: 175-176.

simultâneo a essa figura veterotestamentária, Josué acusa Davi Demba de ser um traidor da liberdade, e o distanciamento faz-se ainda mais com o uso de expressões latinas que remetem para o teatro, nomeadamente para o plautino, mostrando que os políticos africanos usam máscaras, como nos palcos da Antiguidade: são *personæ*, personagens, ou seja, apenas representam papéis.

Reforcemos agora como os dois fatores intertextuais conjugados traçam um perfil de epopeia bíblica no romance limaniano e se conjugam numa narrativa que pretende servir de diatribe metafórica à miséria humana vivida em África. Ainda que a palavra *Moisés* não seja uma única vez utilizada em nenhuma personagem d’*Os anões e os mendigos*, esse nome está sub-repticiamente associado a Davi Demba. É curioso, pois, que uma das personagens veterotestamentárias mais importantes não seja uma única vez mencionada na narrativa de Manuel dos Santos Lima ainda que ela esteja nos seus interstícios, Moisés, o protagonista de uma das mais importantes epopeias bíblicas. Epopeia, porque gesto heróico e esforçado, envolvendo um coletivo, que consagra narrativamente um povo como eleito de Deus, liberto da servidão egípcia e a caminho de uma terra prometida. De facto, Davi Demba protagoniza a epopeia de encaminhar um vasto conjunto de pessoas para a liberdade, retirando-as do jugo escravocrata do colonizador, tal como Moisés protagoniza a epopeia da libertação dos escravos hebreus do jugo egípcio, liderando a sua caminhada na travessia do mar Vermelho e na longa travessia do deserto do Sinai. E o *incipit* d’*Os anões e os mendigos* mostra um espaço e um povo em circunstâncias similares: africanos em fuga lenta debaixo de um sol escaldante, à procura de uma terra de abundância. Todavia, o que é glorioso no Êxodo aparece como miséria humana nesta África, uma miséria com proporções épicas, porém, porque com a dimensão de África. Cotejem-se as seguintes passagens do texto limaniano:

*O caminho desagua numa fronteira situada entre o suspiro de ter chegado e a inquietação do desconhecido. É uma via em sentido único, esperança dos que partem na noite à frente do medo. Come-se ao acaso a refeição do dia ou no dia da refeição. Come-se de tudo ou não se come nada. Cai aqui, levanta acolá, torna a cair, torna a levantar*³⁵.

*Mas, paradoxalmente, vibrava na noite o tambor, coração obstinado (...) afirmando a vontade de continuar. Lá longe, muito longe, há uma terra boa donde nunca se parte. Os homens, as mulheres e as crianças são gordas e felizes. É um paraíso de verdura, cheio de comida e água fresca. O fogo nunca se apaga e os tachos fumegam durante todo o dia. Lá longe, muito longe...*³⁶

Comparando as passagens supracitadas e o Êxodo, observa-se a semelhança da dificuldade do trajeto até à terra da promessa e do espaço desértico, onde os caminhantes

³⁵ LIMA, 2004: 10.

³⁶ LIMA, 2004: 13.

carecem de tudo aquilo com que sonham, constituindo esse sonho não algo de supérfluo, mas de básico para a sobrevivência: comida, água potável («água fresca»), verdura, apetrechos de cozinha eficazes para a confecção dos alimentos, sendo o «fogo» a única realidade que estas mulheres africanas conhecem, não sabendo empregar a palavra «fogão». Também similar é a esperança na terra prometida: na Bíblia, Canaã, de onde brota «leite e mel», como aparece no Êxodo, hipérbole que alimenta a esperança dos fatigados caminhantes e que não anda longe da imagem aqui parodiada da gordura dos habitantes da terra prometida e que corresponde ao estereótipo do homem ocidental vítima de obesidade, mas que para os africanos famintos é uma miragem desejada. O sofrimento da travessia deste deserto africano não é, todavia, minorado, ao contrário do que acontece no Sinai, graças à divina descida quotidiana de maná. E por isso muitos são os que vão perecendo no caminho. Então, numa das passagens mais disfemísticas e marcantes deste romance, aparecem dois grandes abutres, metáforas dos Estados Unidos e da União Soviética, potências mundiais que fizeram de África a extensão do palco da sua Guerra Fria, e se regalam no cadáver de um morto, sem que os companheiros de jornada reajam:

Cúpido à vista da carne disponível, o abutre, de bico em guarda, abeirou-se cautelosamente do corpo escuro e mirrado, desde as alturas o olhar agudo e vigilante apercebera mal se dissipara o cacimbo matutino. As moscas à volta da boca aberta asseguraram-no de que a presa, se bem que ainda quente, estava realmente morta. E pousando as patas sobre a cabeça e abrindo largamente as asas possantes, estabeleceu o seu império sobre o homem irremediavelmente abatido e espoliado para além da morte. Com avidéz implacável arrancou-lhe os olhos e logo lhe enterrou o bico adunco no ventre e começou a embriagar-se com o sangue das entranhas apressado que estava a empanturrar-se, pois em breve teria a compartilhar o despojo com os outros da sua espécie, sempre atentos a detectar no comportamento do congénere o menor indício revelador de descoberta de comida.

(...) Havia dois grandes abutres que se mediam à distância. De porte imponente, comportavam-se como senhores de alta estirpe e reinavam sobre os outros, de tamanho médio ou não maiores que uma galinha. Embora de espécies diferentes, todos se arranjavam para obter a sua parte, evidenciando assim uma estratégia tácita ou aliança instintiva na rapinagem³⁷.

Estes disfemismos estão ausentes na caminhada dos hebreus pelo Sinai, mas vincam as hecatombes causadas por treze anos de Guerra do Ultramar, pelos difíceis processos de descolonização, com a guerra civil demasiado duradoura em Angola, pelas migrações atuais provocadas pela guerra ou pela seca em outros países africanos. A margem de ambiguidade neste ponto da narrativa ainda permite tal abrangência de interpretações, todas válidas. No que concerne a Angola, não é difícil ver nos abutres de menor dimensão os países que intervieram militarmente nesse país, fosse a pedido do MPLA, fosse a pedido da UNITA, como Cuba e África do Sul.

³⁷ LIMA, 2004: 14.

Por outro lado, apesar de a personagem Davi Demba ter o nome do mais importante rei de Israel, pelo seu papel unificador das doze tribos e dos reinos de Judá e de Israel debaixo de uma mesma nação, Davi é paulatinamente apresentado como mais próximo, não do David bíblico, pese embora ter um general chamado Urias, mas de Moisés. Assim, no capítulo I, o narrador indica que «seis rapazes ansiavam por encontrar Davi Demba (...) porque ele era o líder do povo»³⁸. Se esta frase ainda pode ser ambigualmente associada quer ao David quer ao Moisés bíblicos, já o capítulo II do romance, intitulado «O líder», esclarece que Davi Demba, tendo nascido em Mara, é o líder esperado para libertar a Costa da Prata da servidão³⁹. O pormenor do local de nascimento não é casual e aproxima mais um pouco Davi Demba de Moisés, já que Mara é o ponto do deserto do Sinai onde os hebreus encontram água amarga, não se podendo dessedentar, tendo Moisés miraculosamente tornado essa água potável⁴⁰.

Ainda que Davi Demba force, no momento pós-eleitoral, a sua associação a Cristo, escolhendo «alcunhas secretas» para os ministros que são todas, sem exceção, nomes de apóstolos⁴¹, mais adiante na narrativa, Davi cai num sono profundo e começa «a ouvir trovões e a ver fuzilarem relâmpagos, e uma nuvem de fumo» a aparecer-lhe acompanhada do som de trombetas⁴². Finalmente, surge um «Feiticeiro-Mor» (assim designado na tessitura narrativa) «numa chama de fogo que saía do meio de uma palmeira que ardia sem se consumir»⁴³. A palmeira é a africanização do famoso episódio da sarça ardente, primeira manifestação de Deus a Moisés, segundo o Êxodo (3, 1-11), sendo a figura do Feiticeiro-Mor, de igual modo, a africanização do Anjo de Deus que ordena a Moisés a libertação do seu povo. E é aqui que reside a dimensão mais epopeica e mais próxima, ainda que numa apropriação pós-modernista, do Êxodo bíblico: um homem predestinado à figura de líder com uma missão salvífica, libertadora, perante um povo, seja o hebreu, seja o da Costa da Prata, face ao jugo do opressor. Todavia, não se trata agora de salvar os costa-pratenses do colonialismo, pois neste momento da diegese Davi Demba já é Presidente da República da Costa da Prata, tendo corrido com o ocupante Herodes Silva do Palácio das Acácias. Quem serão, pois, os egípcios simbólicos que Davi Demba tem agora de enfrentar para garantir a liberdade e prosperidade do seu povo?

Tal como Moisés, Davi Demba apresenta a Deus problemas de ordem prática: onde arranjar as armas? Como se impor ao povo como líder? E a resposta do Feiticeiro-Mor é contundente como a de Iahweh perante Moisés, identificando-se e prometendo, com a força da certeza onisciente imprimida pelo futuro do indicativo: «Eis que organizei a tua

³⁸ LIMA, 2004: 16.

³⁹ LIMA, 2004: 63.

⁴⁰ Cf. Êxodo, 15, 22-23.

⁴¹ LIMA, 2004: 97-98.

⁴² LIMA, 2004: 101.

⁴³ LIMA, 2004: 101-102.

fuga da Nautilândia e te constituí Presidente da República; eu multiplicarei a minha ajuda e os meus conselheiros e farei intervir em teu favor o internacionalismo proletário»⁴⁴. A expressão «fuga da Nautilândia» é equivalente à «fuga do Egito» e «te constituí Presidente da República» é paralela a «líder do meu povo». O discurso, profundamente ideológico, mostrando o comunismo como a solução para «a miséria e a indigência» africana e garante da liberdade, é uma paródia que faz o romance de Manuel dos Santos Lima afastar-se do intertexto bíblico, numa pós-modernidade que não acredita nem no capitalismo proposto pelos Estados Unidos nem no comunismo proposto pela China e pela União Soviética como narrativas salvíficas, sendo a Bíblia, note-se, um conjunto de narrativas de salvação que, no seu conjunto, propõem a felicidade escatológica do ser humano, tal como o comunismo e o capitalismo. O texto limaniano continua em tom grandiloquente, como é próprio de um texto epopeico, mas parodiando a miséria dos anões e dos mendigos africanos, isto é, do povo e dos seus dirigentes, que mendigam a sua permanência no poder às potências mundiais. E é aqui que se faz o separar das águas entre o Êxodo e *Os anões e os mendigos*: enquanto Deus apela a Moisés que liberte o seu povo da servidão egípcia, o que poderia ter um paralelo com a libertação de Angola do jugo colonialista português, também ele conhecedor de um longo período de imposição da escravatura, de tráfico negreiro e de manutenção de um sistema opressivo muito próximo da escravatura aquando da ditadura fascista, o Feiticeiro-Mor ajuda o «Moisés» de Manuel dos Santos Lima, isto é, Davi Demba, não a libertar o povo da escravidão da miséria e da ignorância, mas a manter o líder no poder, perenizando uma ditadura, com todas as leituras atuais que se queiram fazer. Não nos podemos esquecer de que o Autor é um dissidente do regime angolano desde a Presidência de Agostinho Neto, e que neste momento já não reside em Angola.

Mais burlesco ainda é o *pastiche* feito ao decálogo, colando em definitivo a personagem Feiticeiro-Mor a Iahweh e, por arrastamento, Davi Demba a Moisés. Citamos apenas o início do discurso do Feiticeiro-Mor, ilustrativo da apropriação pós-moderna da Bíblia:

*– Eu sou o Feiticeiro-Mor que guiará o teu povo à felicidade eterna. Não adorarás os ídolos e vedetas ocidentais. As tuas costas pesqueiras aos navios capitalistas interditarás. Não passarás contratos, nem estabelecerás acordos ou pactos com os capitalistas porque o seu dinheiro é peçonhento. Facilidades à OTAN não cederás. Dos árabes, dos judeus e dos chineses desconfiarás*⁴⁵.

Esta paródia aos dez mandamentos não deixa de constituir uma sátira ao discurso marxista e xenófobo que pautou os primeiros anos da governação de Angola independente. Mas tal como sucede no Êxodo, o facto é que muitos destes mandamentos marxistas há muito foram quebrados na África capitalista, incluindo Angola.

⁴⁴ LIMA, 2004: 102.

⁴⁵ LIMA, 2004: 103.

Outro pormenor que cola Davi Demba a Moisés é a sua confiança no secretário Josué, que, como já dito, é o braço direito do Moisés bíblico, mas que, aqui, atraiçoará o seu líder pelas misérias que causa à Costa da Prata.

E as misérias humanas são tantas e tão pungentes na África de ontem e de hoje que o discurso de Manuel dos Santos Lima imprime à sua linguagem esteticamente bela laivos de difemismo grandiloquente para traduzir o horrível referencial. Ou seja, os africanos sofrem uma epopeia de miséria com a dimensão do continente em que vivem. As misérias denunciadas, em diferentes passagens do romance, são tão variadas como a fome e a sede, causadoras de subnutrição, migrações forçadas ou morte – «crianças engravidadas pela subnutrição»⁴⁶ –, a guerra, a violência policial, a brutalidade, a arbitrariedade e a corrupção dos dirigentes políticos, a indiferença dos algozes para com os condenados injustamente à morte, o assédio sexual das mulheres, a violação, o uso dos africanos como cobaias humanas das grandes indústrias farmacêuticas ocidentais, a falta de assistência médica ou de cuidados essenciais de saúde, o desrespeito dos retornados, a insensibilidade para com as crises migratórias, o analfabetismo avassalador do povo, a ignorância, a exploração e a poluição das riquezas do solo ou do subsolo africano. Estas são as misérias que a África hodierna sofre, numa espécie de neocolonialismo. Depois, há as primeiras formas de miséria humana impostas durante séculos de colonização: a catequização forçada, o tráfico negreiro, a guerra do Ultramar, que só em Angola fez um milhão de mortos. Por vezes, estas misérias são descritas de forma difemística para chocar propositadamente o leitor ocidental face a realidades incómodas, que alguns preferem ignorar para dormir um sono mais tranquilo. Damos um breve exemplo:

*Não há ninguém para contar os mortos, não há ninguém para contar os vivos e só os organismos internacionais sabem que há um excedente demográfico grave como uma catástrofe, dados os escassos recursos alimentares e o nível tecnológico, irrisório, do país. Nasceram muitos ou morreram poucos?*⁴⁷

Como se vê, difemisticamente, e numa inversão do comportamento dos organismos internacionais, o interesse ocidental está em controlar o excedente demográfico, de que África é considerada responsável, conjuntamente com a Ásia e a América do Sul, e por isso a pergunta que estas ONG se colocam não é se morreram muitas pessoas, mas se morreram poucas tendo em conta as muitas nascidas. A crítica sardónica radica na falsa questão da escassez dos recursos alimentares, quando se sabe haver excedentes, muitas vezes destruídos no Ocidente para não diminuir o preço dos alimentos.

Outras vezes, a estratégia de Manuel dos Santos Lima nesta diatribe à miséria africana é o humor corrosivo, mas mais leve do que o anteriormente ilustrado, de modo a aliviar

⁴⁶ LIMA, 2004: 12.

⁴⁷ LIMA, 2004: 11.

o tom de uma narrativa que, por demasiado pesada, poderia afastar o leitor ocidental de realidades tão ingentes. Isso é visível, por exemplo, na designação humorística de países independentes africanos com base em riquezas que exploram ou em que são explorados, numa lógica neocolonialista: temos assim a República da Costa do Cobalto, a República da Costa do Ferro, a República da Costa da Prata, a República da Bitacaia (esta, uma doença de pele que implica bolor nos pés). E não existe ainda hoje uma Costa do Marfim, resquício da exploração aí outrora feita pelos colonos brancos? Existiu uma costa da Malagueta, uma costa do Ouro e, mas para sul, uma Costa dos Escravos, no litoral africano dominado pelos Portugueses em pleno século XV⁴⁸. A piada não é, afinal, assim tão ridícula... E se o ridículo matasse, veja-se o discurso de Sissoko, Presidente da Costa do Cobalto (forma metafórica de o Autor se reportar ao Zaire ou atual República Democrática do Congo):

(...) ele afirmou à boca cheia que a República do Cobalto era um país democrático, aberto a todos os que desejassem cooperar com ele. E citou como exemplo o caso da Medicamentex, uma companhia anglo-americana de produtos farmacêuticos que se instalara no território o ano anterior. Os cobaltenses teriam acesso às últimas descobertas, primeiro que os próprios ingleses ou americanos⁴⁹.

Assim se ironiza a estultícia ou a hipocrisia (a ambiguidade interpretativa mantém a chave crítica ao dirigente africano em causa) de Presidentes que são mendigos de gigantes, que são marionetas nas mãos dos senhores ocidentais.

O retrato pessimista desta África não soçobra, todavia, no desespero niilista. Espera-se uma nova epopeia como saída para tão gigantesca miséria, pois a sagrada esperança nasce sempre que um ditador cai, como sugere o epílogo do romance, em forma de diálogo entre três personagens, apanhadas de surpresa pelo assassinato de Davi Demba:

- *É a revolução, mãezinha? (...)*
- *Então a independência acabou?*
- *Agora é que vai começar a independência.*
- *Então dantes não era a sério?*
- *Não, não era. Agora sim. E se não for desta, faremos outras revoluções até acertarmos⁵⁰.*

⁴⁸ ENDERS, 1997: 47.

⁴⁹ LIMA, 2004: 29.

⁵⁰ LIMA, 2004: 179.

Referências bibliográficas

- (1989) – *Bíblia de Jerusalém*. 4.ª imp. São Paulo: Edições Paulinas.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2001) – *Literatura comparada e teoria da literatura: relações e fronteiras*. In BUESCU, H. C.; DUARTE, J.; GUSMÃO, M., org., *Floresta encantada. Novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa: Dom Quixote, p. 83-100.
- ECO, Umberto (1993) – *Leitura do texto literário: lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos literários*. 2.ª ed. Lisboa: Presença.
- ENDERS, Armelle (1997) – *História da África lusófona*. Trad. de Mário Matos e Lemos. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- GENETTTE, Gérard (1982) – *Palimpsestes. La Littérature au Second Degré*. Paris: Seuil.
- GUERRA, João Paulo (2009) – *A descolonização portuguesa: o regresso das caravelas*. Prefácio de Melo Antunes. Lisboa: Oficina do Livro.
- KRISTEVA, Julia (2000) – *Semiotiké. Recherches pour une sémanalyse* (1968). Paris: Seuil, col. «Points».
- LARANJEIRA, Pires (1995) – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- LIMA, Manuel dos Santos (2004) – *Os anões e os mendigos*. Luanda: Chá de Caxinde.
- PINTO, Alberto Oliveira (2007) – *O colonialismo e a «coisificação» da mulher no cancioneiro de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa*. In MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante, org. – *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, p. 35-49.
- RIBAS, Óscar (1997) – *Dicionário de regionalismos angolanos*. Matosinhos: Contemporânea.
- S/ AUTOR (s/d) – *Fraccionismo*. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fraccionismo&oldid=43188830>>. [Consulta realizada em 10/02/2016].
- VAUX, R. de (1989) – «Introdução ao Pentateuco». In *Bíblia de Jerusalém*, p. 22.
- VIEIRA, Cristina da Costa (2008) – *A construção da personagem romanesca*. Lisboa: Colibri.